



*Organizadoras*

Maria Cecília Pereira da Silva  
Mariângela Mendes de Almeida

PSICANÁLISE

# Infância, vínculos e diversidade profissional

*Espaços para interlocução*

**Blucher**

INFÂNCIA, VÍNCULOS  
E DIVERSIDADE  
PROFISSIONAL

*Espaços para interlocução*

Organizadoras

Maria Cecília Pereira da Silva  
Mariângela Mendes de Almeida

Revisora técnica

Stephania Batista Geraldini

*Infância, vínculos e diversidade profissional: espaços para interlocução*  
© 2019 Maria Cecília Pereira da Silva e Mariângela Mendes de Almeida  
(organizadoras)  
Editora Edgard Blücher Ltda.

Imagem da capa: Wassily Kandinsky, *Azul do céu*, 1940.

# Blucher

---

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar  
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil  
Tel.: 55 11 3078-5366  
**contato@blucher.com.br**  
**www.blucher.com.br**

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme  
5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua  
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras,  
março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por  
quaisquer meios sem autorização escrita da  
editora.

---

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard  
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação  
na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Infância, vínculos e diversidade profissional :  
espaços para interlocução / organizadoras : Maria  
Cecília Pereira da Silva, Mariângela Mendes de  
Almeida ; revisora técnica : Stephania Batista Geral-  
dini. – São Paulo : Blucher, 2019.  
550 p.

Bibliografia  
ISBN 978-85-212-1400-7 (impresso)  
ISBN 978-85-212-1401-4 (e-book)

1. Psicanálise 2. Pais e filhos 3. Mãe e lactente  
4. Crianças – Cuidadores – Diversidade profissional  
5. Psicologia – Primeira infância I. Silva, Maria Cecí-  
lia Pereira da. II. Mendes de Almeida, Mariângela.  
III. Geraldini, Stephania Batista.

19-0318

CDD 150.195

---

Índice para catálogo sistemático:  
1. Psicanálise

# Conteúdo

Agradecimentos	13
Prefácio <i>Victor Guerra</i>	17
Introdução	25
<b>PARTE I</b>	
<b>Interlocução com a observação de bebês</b>	29
1. Observação psicanalítica e ressonância no grupo de supervisão como um espaço para integração na relação pais-bebês: favorecendo o nascimento da vida mental e modulando encontros entre o interno e o externo	31
<i>Mariângela Mendes de Almeida, Lilian Finkelstein e Nathalia Teixeira Caldas Campana</i>	
2. O impacto emocional da observação de bebê no observador e na relação mãe-bebê	39
<i>Maria Cecília Pereira da Silva, Denise Serber e Maria Teresa Ferriani Nogueira</i>	

3. Construção de demanda junto aos pais em um caso de bebê com risco de autismo 53

*Lilian Finkelstein*

## **PARTE II**

### **Interlocução com a educação 65**

4. Abordagem triológica Tempo-Linear: trabalho terapêutico preventivo com crianças de 0 a 5 anos e seus pais 67

*Jeanne Magagna*

5. Um olhar pedagógico para o atraso do desenvolvimento global 97

*Elisete Alves Matias Dias e Flora Marques de Azevedo Giannini*

6. A importância do orientador escolar na prevenção dos transtornos iniciais do desenvolvimento infantil 109

*Ana Maria Franklin Gonçalves e Flora Marques de Azevedo Giannini*

## **PARTE III**

### **Interlocução com a saúde hospitalar 119**

7. Contribuições do método de observação da relação pais-bebê para o atendimento de uma criança com câncer 121

*Nathalia Teixeira Caldas Campana*

8. Interfaces entre o físico e o psíquico: o olhar relacional pais-bebê/criança na formação dos médicos e profissionais de saúde 131  
*Ida Bechelli de Almeida Batista e Mariângela Mendes de Almeida*

**PARTE IV**

**Interlocução com intervenções multiprofissionais 143**

9. O papel do fisioterapeuta no contexto da relação mãe-bebê 145  
*Thais Oliveira Feliciano*

10. O pediatra como educador 169  
*Mônica Ayres de Araújo Scattolin*

11. Psicose, família e inclusão escolar: uma discussão a partir do relato de um acompanhamento terapêutico 183  
*Nathalia Teixeira Caldas Campana*

**PARTE V**

**Interlocução com a família 197**

12. Sobre análise de criança pequena: relato de uma experiência 199  
*Sônia M. C. Marchini*

13. Consultas terapêuticas conjuntas pais-crianças: um continente para momentos de crise? 217  
*Ana Rosa C. de A. Pernambuco*

14. Grupo terapêutico com crianças e o trabalho de vínculo com os pais 229  
*Carla Lam*

## PARTE VI

### **Interlocução com a clínica dos transtornos alimentares** 243

15. O *self* aprisionado: desdobramentos no processo psicanalítico (compreender o *self* aprisionado: um jeito diferente de domesticar) 245  
*Jeanne Magagna*

16. O fantasma adormecido: um trabalho com pais-bebê numa situação de dificuldade alimentar 277  
*Stephania Batista Geraldini*

17. Metáfora e matriz: dificuldades alimentares infantis como janela clínica dos transtornos na relação pais-bebê 297  
*Mariângela Mendes de Almeida*

## PARTE VII

### **Interlocução com a clínica pais-bebê** 315

18. Redes de sentido: evidência viva na intervenção nas relações iniciais com pais e crianças 317  
*Mariângela Mendes de Almeida, Magaly Miranda Maronato Callia e Maria Cecília Pereira da Silva*

19. Embalando o choro de pais e bebês: a demanda por uma escuta em rede 333  
*Maria Cecília Pereira da Silva e Mariângela Mendes de Almeida*

20. Cada um no seu lugar: intervenção na relação de uma mãe com as suas duas filhas 343  
*Maria Teresa Ferriani Nogueira e Stephania Batista Geraldini*
21. Embalando a relação pais-bebê: oferecendo continência às fantasias parentais 359  
*Maria Cecília Pereira da Silva*
22. Sobre o lugar e o limite da intervenção com crianças pequenas 379  
*Luísa de Azevedo Costa Nogara*
- PARTE VIII**
- Interlocução com a clínica do autismo 393**
23. Entre o brincar do bebê e o brincar da criança autista 395  
*Camila Saboia*
24. Trabalho analítico no vínculo pais-bebê e a possível mudança no percurso psicoafetivo 405  
*Julia Sousa Martin*
25. Considerações sobre a inclusão do olhar analítico na rede de cuidados aos transtornos do espectro do autismo: disrupção e integração 419  
*Mariângela Mendes de Almeida e Maria Cecília Pereira da Silva*
26. Sobre brilho nos olhos e mudança psíquica: evocações a partir da clínica psicanalítica dos transtornos do espectro do autismo 443  
*Mariângela Mendes de Almeida*



27. Uma paixão entre duas mentes: a função narrativa 457  
*Maria Cecília Pereira da Silva*

## ANEXOS

### **Sistematizações facilitadoras para o trabalho com pais, bebês e crianças** 475

- A. Observação psicanalítica da relação mãe-bebê na família – modelo Esther Bick 477
- B. Resumo da grade de indicadores de intersubjetividade no primeiro ano de vida, de Victor Guerra 483
- C. Parâmetros para diagnóstico de problemas de desenvolvimento – janelas clínicas de Daniel Stern 489
- D. Indicadores de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDI), de Kupfer, Jerusalinsky, Bernardino, Wanderley, Rocha, Molina, Lerner 491
- E. Pequeno sumário acerca dos indicadores de risco de desenvolvimento atípico a partir de pesquisas de Muratori e Maestro: uma contribuição para profissionais em contato com a primeira infância 495
- F. Os sinais de sofrimento precoce segundo Graciela Cullere-Crespin 499
- G. Elementos técnicos na intervenção pais-bebê/criança, por Tessa Barandon e colaboradores (Anna Freud Centre – Londres) 503

Referências 507

Sobre as autoras 543

# Agradecimentos

Desejamos apresentar nossos agradecimentos aos inúmeros colaboradores para esta empreitada, evocando dois representantes emblemáticos e significativos que muito semearam em nosso campo. Nossos parceiros, familiares e heranças psicanalíticas serão aqui representados, *in memoriam*, por Victor Guerra e Magaly Miranda Marconato Callia, padrinhos chamados à frente de nossa obra, para serem também merecidamente homenageados pelos autores e leitores deste livro.

Victor e Magaly condensam para nós grande saber clínico, sensibilidade estética, interesse pela diversidade profissional e interlocução conceitual, empatia e profundidade nos vínculos. Refletem, portanto, com muita vivacidade os pilares desta publicação.

Com Magaly, nutrimos raízes comuns compartilhadas quanto ao interesse por crianças e pela psicanálise, com referências afetivas e profissionais, desde a aproximação, na década de 1980, com o estudo das relações iniciais e bebês psicanaliticamente observados bem de perto (a partir do Centro de Estudos Psicanalíticos

Mãe-Bebê-Família de Marisa Mélega, de São Paulo, do contato com a Clínica Tavistock de Londres e posteriormente, com a Psicopatologia do Bebê em curso com Serge Lebovici, interconectando alguns centros de atendimento a bebês e seus pais mundo afora). Juntas, participamos de atendimentos, iniciativas de ensino, eventos, apresentações, congressos, viagens, partilhados com abertura interna, maestria e simplicidade, regidos pela espontaneidade de seu sorriso.

Membro filiado do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) e há muitos anos professora e supervisora pelo Departamento de Psicanálise com Crianças do Instituto Sedes Sapientiae, Magaly tinha o dom de ensinar. Foi a principal batalhadora pelo estabelecimento no Sedes, do Curso Relação Pais-Bebês: da Observação à Intervenção e da própria atividade de Observação Psicanalítica, modelo Bick, ferramenta tão valorizada por ela e por todos nós que atualmente continuamos sua propagação em nosso curso. Muito identificada com as ideias winnicottianas e com sua habilidade na transmissão de conceitos, formou muitas gerações de novos psicanalistas de crianças e também de pais-bebês, alguns inclusive participantes deste nosso livro.

Magaly trazia em sua escuta psicanalítica a qualidade de tocar e compreender os estados mais primitivos da mente, com uma sensibilidade ímpar para promover o encontro emocional.

Clareza e criatividade em integração, bom humor e bom senso, o estético no visceral, o rústico da terra aliado ao sofisticado das abstrações, são muitas as imagens em mosaico que ficam de Magaly, emolduradas pelo carinho e pela leveza nas relações familiares em suas transformações, sempre com o cuidado da preservação de vínculos. Além da vitalidade e alegria de existir, compartilhamos com ela, Maga e Mega-amiga, até mesmo o passar pela perda e pela inexorabilidade da morte, criando e re-criando

ligações. Maga se foi em 2016... e ficou iluminada na lembrança dos que com ela conviveram.

Um ano depois, Victor Guerra também partiu prematuramente. Extremamente dedicado a seus ideais e generoso ao compartilhar suas produções e referências, Victor foi psicanalista da Associação Psicanalítica do Uruguai (APU), psicólogo, membro da Diretoria de Crianças e Adolescentes da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal) de 2014 a 2016, supervisor de projetos de trabalho e pesquisador da relação pais-bebê.

Sua presença no cenário psicanalítico na América Latina alcançou repercussão internacional no campo da primeira infância, como professor convidado em universidades no Uruguai, no Chile e na França e como coordenador de cursos de formação e pós-graduação sobre a subjetivação do bebê, consultas terapêuticas, clínica da parentalidade e transtornos dos vínculos iniciais, em Montevideu, São Paulo e Porto Alegre, em parceria com a França.

Victor Guerra foi o idealizador entusiasmado da Declaração de Cartagena, por ocasião do Congresso Fepal de 2016, em que os psicanalistas das sociedades de Psicanálise da América Latina declararam-se publicamente em prol do trabalho analítico com crianças e adolescentes com transtornos do espectro do autismo.

Victor também idealizou e divulgou em vídeo ilustrativo sua Grade de Intersubjetividade no primeiro ano de vida (apresentada em resumo ao final deste livro) e compartilhou, com contagiante sensibilidade, contribuições clínicas e conceituais integrando psicanálise, poesia, cultura e arte. Um livro com sua tese de doutorado intitulada *Rythme et intersubjetivité chez le bébé* [O ritmo e a intersubjetividade no processo de subjetivação do bebê] foi publicado, em janeiro de 2019, pela Editora Érès, na França.

Consultor, colega e amigo, Victor, já em momento delicado de sua batalha pela vida, muito nos honrou com a leitura de nosso livro e nos presenteia aqui, com sua sempre lúcida esperança e extrema generosidade, com o prefácio (que, infelizmente, viria a ser o seu último texto escrito), marcando sua presença viva e instaurando o clima de abertura criativa para nossas reflexões.

Retomamos essas férteis parcerias de trabalho e amizade, relembrando “Canção da América”, de Milton Nascimento, esperando, com este livro, estar realizando desejados e prometidos encontros com amigos iluminados “guardados a sete chaves dentro do coração”, já anunciados desde as primeiras homenagens a estes que se foram, mas que continuam muito vivos entre nós.

*E quem voou no pensamento ficou,  
com a lembrança que o outro cantou  
[...] seja o que vier,  
venha o que vier,  
Qualquer dia, amigo, eu volto a te encontrar.  
Qualquer dia, amigo, a gente vai se encontrar!*

Que o encontro do leitor com estas produções de nosso Espaço de Interlocação, aqui reunidas em livro, tendo como matriz o re-encontro paraninfo com a maga e o guerreiro, seja também inspirador.

*Mariângela e Maria Cecília*

# Prefácio

*Victor Guerra*<sup>1</sup>

## *Chamado a uma viagem*

Este livro configura uma experiência especial. É uma forma de oferecer testemunho de anos de trabalho de um grupo que estabeleceu uma experiência muito interessante, que é a de buscar zonas de interlocução na diversidade de abordagens da primeira infância e da parentalidade.

Relata-se que, durante seis anos, o grupo Espaço de Interlocução para Trabalhos com Pais/Bebê/Criança ofereceu escuta e intercâmbio para várias disciplinas, possibilitando investigações e reflexões conjuntas. Ao olharmos o conteúdo com a enorme variedade de experiências que se concentram no livro, poderíamos pensar que a obra é também uma compilação interessante e

---

<sup>1</sup> Victor Guerra (1959-2017) foi psicanalista da Asociación Psicoanalítica del Uruguay (APU), psicólogo, ex-diretor de crianças e adolescentes da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal), supervisor de projetos de trabalho e pesquisador da relação pais-bebê.

atualizada de diferentes formas de abordagem da primeira infância. E isso já é muito!

No entanto, isso não diz tudo, porque este livro é muito mais que isso e, para animar o leitor a embarcar na leitura, lançarei mão de uma metáfora. Tomando os capítulos deste livro, que abarcam tantas profissões e tantos temas, visualizo-os como barcos estacionados em um porto – um porto que se encontra no cais do mar da infância... Então, para poder passear, conhecer, perder-se, desfrutar e preocupar-se com esse mar, pode se tomar cada capítulo-barco que nos levará nessa viagem comprometida e misteriosa, por esse mar que é o mesmo para todos os barcos-capítulos, mas que é a cada vez diferente, porque cada um toma um caminho diverso para navegá-lo.

Dessa maneira, o leitor viverá a experiência de uma heterogeneidade que forma parte de um elemento homogêneo. E a ideia de homogeneidade me leva ao conceito de *fil rouge* (fio condutor). Um eixo que é justamente também uma metáfora marítima.

Em *As afinidades eletivas*, Goethe conta que, para poder reconhecer um barco como formando parte de sua esquadra, a marinha inglesa colocava em todas as cordas desse barco um fio vermelho, de modo que ao longo desse encordoamento (que é o que permite sustentar as velas etc.) há um elemento em comum que lhe concede certa identidade, certa forma de continuidade.

No caso deste livro, desta viagem, o “fio condutor” que atravessa os capítulos e as profissões, assim como os diferentes cenários de trabalhos, é o de receptividade à experiência emocional e o compromisso de trabalho pautado, para mim, no livro, por uma disposição empática, no sentido evocado por Mia Couto em um artigo no qual fala do que a leitura e a escrita nos trazem. Esse escritor moçambicano diz que elas favorecem que a pessoa possa “deixar que outras lógicas nos habitem, que visite e seja visitado

por outras sensibilidades”<sup>2</sup>. Deixar, habitar e visitar são verbos que implicam uma forma de abertura, uma forma de despojar-se do já conhecido para colocar-se em posição de descoberto, o que é uma característica essencial do infantil.

Uma das coisas que mais atraem uma criança é o senso de aventura, entendida como viagem a algo desconhecido onde encontrará perigos e desafios e desenvolverá ainda mais sua curiosidade e sua ambivalência diante do novo: isso, por um lado, é fascinante, por outro, gera medo pela perda do já conhecido. Se o adulto que quer trabalhar com uma criança e sua família não tem esses elementos, ou os perdeu durante o caminho da vida, seu trabalho será outro: mais do que um criativo codescobridor dando novas chances à criança em seu processo de subjetivação, ele se tornará um “adaptador” ou um “estimulador”, que talvez possa modificar, por exemplo, um sintoma. Entretanto, dificilmente, poderá proporcionar a experiência de uma oportunidade de conhecimento, de contato com a complexidade do mundo emocional e seus mistérios. Experiência que, estamos convencidos, dará outra espessura ao sujeito em formação.

A partir de todos os capítulos, constatamos que se manifesta um comprometimento que passa longe do conceito de estimulação, configurando experiências que permitem a continência, metabolização e transformação de elementos emocionais, tanto dos pais e crianças quanto dos profissionais que os atendem.

Poderia me estender e marcar os pontos centrais que cada setor desta viagem nos oferece, assim como falar das virtudes da utilização e integração de uma ampla bibliografia atualizada etc., mas, dessa maneira, a viagem de leitura que proponho seria uma viagem na qual, tendo escrito o prefácio, teria um protagonismo que

---

2 Mia Couto (2009). *E se Obama fosse africano*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 16.



não desejo ter e, além disso, gostaria de não impedir que o leitor encontre suas próprias rotas na leitura. Quero, sim, reafirmar que os capítulos que organizam o livro abrem um leque de paisagens de tal amplitude que, sem dúvida, trarão elementos muito importantes tanto no plano clínico como conceitual.

### *Sobre ver surgir o brilho nos olhos*

Talvez uma das imagens mais fortes e tocantes do livro seja o comentário que uma das autoras traz em relação ao que lhe dissera Dr. Di Loreto muitos anos atrás, um tanto preocupado pela árdua tarefa de trabalhar praticamente só com crianças autistas. Ele dizia, ao mesmo tempo irônico e afetivo: “Vocês estão trabalhando para ver surgir o brilho nos olhos” (p. 443).

Esta frase tão forte dita em relação ao trabalho duro com crianças com sofrimento do espectro do autismo marca, em sua clareza, uma polissemia. E toda polissemia não se esgota com um sentido, mas, ao contrário, deveria permanecer aberta na mente de quem escuta como um imantador de novos pensamentos, como uma abertura ao mistério da vida psíquica e relacional.

Poderíamos tomar o brilho nos olhos como uma marca de vida psíquica, envolvendo a manifestação libidinal do contato com o outro, e talvez também o brilho que emerge diante do descobrimento do mundo, diante da irradiação de um sentimento de um “ser sendo”, um ser que abriga em seu interior uma certa possibilidade de movimento psíquico, de abertura ao outro e ao novo (tão ausente nos sofrimentos arcaicos).

E a autora diz: “Somos, sim, ‘buscadores’ dos mínimos brilhos no olhar, e nossos olhos brilham ao investir nessa busca” (p. 444).

Vejam isso, por exemplo, na arte da pintura. François Cheng<sup>3</sup> analisa a pintura de Leonardo, *Mona Lisa*, e diz que talvez a beleza do quadro advenha do mistério de seu olhar: “os olhos são a janela da alma. A beleza de seu olhar vem de uma luz que surge da profundidade do ser”.

Aqui, poderíamos dizer que se unem semiologia clínica, arte e teoria da subjetivação. A modulação de variações possíveis no olhar mostraria a noção de profundidade interior, de uma tridimensionalidade que vai se formando sempre e quando encontre um outro, que lhe devolva o si mesmo em espelho.

Como dizia Pontalis: “um olhar que conceda a certeza de existir”. Movimento em espiral, de ida e volta, de inter-ações, de inter-transformações mútuas, que se movimenta em consonância com a receptividade do analista.

Esse brilho nos olhos do paciente claramente buscou e encontrou um espelho, um brilho nos olhos de sua analista, que diz: “Somos, sim, ‘buscadores’ dos mínimos brilhos no olhar, e nossos olhos brilham ao investir nessa busca” (p. 444).

A experiência de *espelhamento* confirma o que já dissera o poeta Alejandro Bekes: “Houve ao princípio um colóquio calado de olhares...”<sup>4</sup> que logo dará – junto ao ritmo, ao brincar e à palavra – a sustentação ao ser.

Isso marca uma posição característica dos profissionais que mostram sua prática ao longo do livro, creio que buscam despertar um “brilho de vida psíquica diferente” tão necessária e tão variada para cada caso e para cada família.

---

3 François Cheng (2012). *Cinco meditaciones sobre la belleza*. Madrid: Ediciones Siruela, p. 47.

4 Alejandro Bekes (2010). *Lo intraducible*. València: Editorial Pré-Textos. p. 11.

Para mim, cada vez mais, o trabalho com a parentalidade e a infância não são mais unicamente trabalhos com a perspectiva metapsicológica da pulsão, mas também, a partir de uma tópica intersubjetiva diferente, que busca brindar uma experiência de subjetivação diversa, de transformação que propicie novos descobrimentos ao sujeito. Autores como Donald Winnicott e também Anne Alvarez, em seu *Companhia Viva*, já falaram bastante disso.

Mas este grau de compromisso afetivo com a tarefa não impede um trabalho árduo de sistematização, que podemos observar nas diferentes áreas (observação de bebês, saúde hospitalar, intervenções multiprofissionais, interlocução com a família, clínica dos transtornos alimentares, clínica pais/bebês, clínica do autismo etc.).

### *Da interlocução à intralocução*

No final quero voltar ao início. No título do livro se destaca o tema da *interlocução*. Em seu sentido original, interlocução remete à ação e ao efeito do falar entre duas pessoas. E esta “ação”, para que gere um “efeito” em ambos, deve se tornar cena em um espaço especial: o “entre”. E esse “entre”, para que seja genuíno, deveria ser uma experiência que se coconstrua com um certo grau de homogeneidade.

Não pode haver um “entre” fecundo e criativo se não houver uma derrubada do narcisismo de seus integrantes, um estar alerta ao que a criatividade de Clarice Lispector mostra em uma de suas crônicas, na qual a escritora fala de momentos em que se parece saber claramente como é a vida, como somos, como são os outros,

como deveria ser a arte... mas ela recomenda que o melhor seria: “ver e esquecer, para não ser fulminado pelo saber”.<sup>5</sup>

Clarice nos ensina, então, a importância da humildade e de não ceder à tentação de um saber unilateral, que mataria nossa real abertura ao novo. Para mim, o espaço do “entre” é um espaço em que há uma simetria de opacidades sobre o conhecimento, sustentado pela ilusão de encontrar um “brilho” que nos abra um caminho à surpresa fecunda.

Creio que seja a partir desse vértice que se produzam “efeitos” como o de facilitar a passagem para uma *intra*locução, entendida como um diálogo interior onde se aninha a heterogeneidade de pensamento. Isso surge em parte da instauração de vozes que nos habitam, que formam um suporte de pensamento que nos habilita a nos lançar na navegação pelo desconhecido. E é disso que se trata este livro.

Ao abri-lo plenamente, insisto, se destacarão as velas-folhas e bastará o vento do desejo (de conhecimento) para que a viagem se inicie, porque o livro convida à uma cocriação. O movimento do conhecimento se lança ao novo, se as palavras como barcas têm o sopro do olhar de um leitor atento.

O convite está aberto, mas não é só para você, querido leitor.

Não se surpreenda se, por momentos, o leme desse barco deslizar de suas mãos para ir ao encontro do infantil que o habita, para que se fale a mesma língua das múltiplas crianças que aqui se beneficiaram, como seres humanos, com o trabalho de todos estes sensíveis profissionais. Anime-se e deixe, então, o infantil liderar e desfrutar a viagem.

Posso lhe assegurar que não se arrependerá!

---

5 Clarice Lispector (1999). *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, p. 197.

# Introdução

Este livro apresenta o resultado de discussões de situações de trabalho em vários contextos, tanto clínicos quanto não-clínicos, em que se buscou refletir sobre o vínculo cuidador-bebê/criança e aprofundar o exercício da observação, compreensão e intervenção psicanalíticas no âmbito relacional. O Espaço de Interlocação para Trabalhos com Pais-Bebês/Crianças, encontro que se realiza mensalmente desde 2007, deu origem a esta produção, que conta com contribuições discutidas até 2013. O Espaço constitui-se num fórum para que profissionais de várias áreas, interessados ou diretamente envolvidos com intervenções pais-bebês/crianças, observação participativa na relação pais-bebê, trabalhos em berçário, creche e pré-escola, unidades de prevenção em saúde e unidades de atendimento em saúde mental, instituições escolares, atendimento pediátrico e obstétrico, UTI e berçários em instituição hospitalar, acompanhamento terapêutico etc., possam apresentar e discutir suas práticas.

Contribuíram para a criação deste Espaço desdobramentos da prática de observação de bebês – modelo Esther Bick e modelo

Tavistock de transmissão do olhar psicanalítico – aliados à valorização de iniciativas institucionais anteriores de expandir essas abordagens no Brasil, como o Centro de Estudos Psicanalíticos Mãe-Bebê-Família, em São Paulo, coordenado por Marisa Mélega, e à importância que esse olhar desempenha em nosso espaço de pertinência clínica junto à Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Outras influências importantes foram nossa prática terapêutica de formação, supervisão e ensino, principalmente no Instituto Sedes Sapientiae, e nossas experiências comuns em contatos com Gianna Williams, Jeanne Magagna, Victor Guerra, Leonardo Posternak, Marie-Christine Laznik e Graciela Cullere-Crespin, além da formação em Psicopatologia do Bebê junto à Universidade Paris XIII e à Associação Franco-Mexicana de Psiquiatria e Saúde Mental, integrando o trabalho de Serge Lebovici, Daniel Stern, Sebastian Cramer, Bernard Golse, Marie-Rose Moro, Letícia Solis, Jorge Armando Barriguete, entre outros.

O Espaço de Interlocação para Trabalhos com Pais-Bebês/Crianças tem como proposta reunir regularmente profissionais de diversas disciplinas que trabalhem com bebês e famílias para que possamos discutir diferentes intervenções profissionais a partir de uma visão relacional psicanalítica. Esses encontros são baseados no modelo de *work discussion* (discussão de situação de trabalho) presente no curso *Observational Studies and the Application of Psycho-Analytic Concepts to work with Children, Young People and Families* (Estudos observacionais e a aplicação de conceitos psicanalíticos para o trabalho com crianças, jovens e famílias) da Clínica Tavistock. Nossos objetivos com esses encontros são favorecer a interdisciplinaridade e possibilitar a expansão da formação entre profissionais que vêm trabalhando nesse campo.

Neste livro, *Infância, vínculos e diversidade profissional: espaços para interlocação*, trazemos contribuições de vários participantes

do Espaço, ilustrando a interlocução com a observação de bebês, com a educação, com a saúde hospitalar, com intervenções multiprofissionais, com a família, com a clínica dos transtornos alimentares, com a clínica pais-bebê e com a clínica do autismo.

# PARTE I

## Interlocução com a observação de bebês

A observação da relação mãe-bebê foi introduzida no currículo do curso de Psicoterapia Infantil da Tavistock Clinic de Londres por Esther Bick, em 1948, como exercício de formação para estudantes de psicoterapia e psicanálise de crianças. Tinha como finalidade conhecer o funcionamento primitivo da mente a partir da experiência do observador e acompanhar o desenvolvimento da criança no contexto da relação com sua mãe ou com seu cuidador (Bick, 1948/1967). Desde 1960, essa prática passou a fazer parte da formação de analistas da Sociedade Britânica de Psicanálise e, mais tarde, de outras sociedades também.

A proposta consiste em observar um bebê – a partir de seu nascimento até 1 ou 2 anos de idade – uma vez por semana, por uma hora, durante situações cotidianas de alimentação, banho, brincadeiras, sono, aconchego etc., na relação com sua mãe. Posteriormente, o observador deve registrar cada encontro detalhadamente para depois discuti-lo no grupo de supervisão.



A observação de bebês continua sendo amplamente praticada como exercício de aprendizagem psicanalítica ao redor do mundo, com desdobramentos nas áreas clínicas e de pesquisa.

# 1. Observação psicanalítica e ressonância no grupo de supervisão como um espaço para integração na relação pais-bebês: favorecendo o nascimento da vida mental e modulando encontros entre o interno e o externo<sup>1</sup>

*Mariângela Mendes de Almeida*

*Lilian Finkelstein*

*Nathalia Teixeira Caldas Campana*

## *Introdução*

Esta contribuição representa um esforço coletivo de um grupo de profissionais envolvidos com a prática, estudo e desenvolvimento da observação psicanalítica e seus desdobramentos no tratamento, formação, pesquisa e cuidados básicos no campo do desenvolvimento infantil e saúde mental em São Paulo, Brasil.

Iniciando com o modelo de observação da relação pais-bebê proposto por Esther Bick a partir de cursos na Clínica Tavistock,

---

1 A versão original deste trabalho (Mendes de Almeida, M., Finkelstein, L., & Campana, N. T. C. (2009) foi publicada como News from Brazil: psychoanalytic observation and its seminar group as a space for the integration of splitting aspects in the parent-infant relationship. *The International Journal of Infant Observation*, 12(3), 352-357. Mais detalhes sobre a observação do bebê Thor aparecem também no Capítulo 3 deste livro.

Londres, e com Marisa Mélega no Centro de Estudos Psicanalíticos Mãe-Bebê-Família, na Sociedade Brasileira de Psicanálise e no Instituto Sedes Sapientiae, alguns profissionais (Magaly Miranda Marconato Callia, Mariângela Mendes de Almeida e Maria Cecília Pereira da Silva) vêm se dedicando a difundir essa prática e a expandir o olhar da observação psicanalítica, incluindo-a em cursos relacionados à intervenção nas relações iniciais e desenvolvimento infantil, procurados por alunos envolvidos com cuidados, ensino e tratamento de crianças pequenas e suas famílias. A apresentação desse método na modalidade introdutória (utilizando o vídeo *Observation observed*, da Clínica Tavistock, seguido de discussões de experiências de observação e de artigos sobre o tema) oferece noções sobre seu potencial e possíveis desdobramentos no que se refere à formação e desenvolvimento de nossos recursos pessoais para acessar aspectos emocionais primitivos nas relações. Tal prática chamou a atenção de muitos alunos, fazendo com que se engajassem na observação de bebês durante dois anos e representando um refinamento de seus instrumentos profissionais para observar, conter, registrar, refletir e ampliar a compreensão de aspectos pré-verbais e relacionais durante o processo de visita à família e discussão das questões na supervisão.

Desde que iniciamos essas atividades, foram formados vários grupos independentes de observação de bebês, e continuamos nossos esforços para incluir a versão completa desta junto aos cursos de extensão em Intervenção nas Relações Iniciais. Em 2013, a atividade de observação de bebês modelo Esther Bick – em seu modelo clássico – foi introduzida no curso “Relação Pais-Bebê: da Observação à Intervenção” do Instituto Sedes Sapientiae.

A expansão dessa rede também possibilita o envolvimento com pesquisas no campo do desenvolvimento emocional infantil, pois as competências do observador psicanalítico e de seu olhar

são fortemente valorizadas na área de detecção de riscos e intervenções oportunas que, desde a primeira infância, favorecem a saúde em vários contextos.

Além disso, aqueles que completam dois anos de observação de bebês (muitos já terapeutas) passam a trazer suas experiências clínicas de intervenção nas relações iniciais para as supervisões semanais.

Apresentamos, aqui, principalmente a experiência de um grupo de observação de bebês, do qual fazem parte Ana Rita Rocha, Juliana Amaral de Andrade, Lilian Finkelstein (psicólogas e psicoterapeutas), Maria Angela Trombetti (médica obstetra) e Nathalia Teixeira Caldas Campana (estudante de Psicologia), supervisionado por Mariângela Mendes de Almeida. Vinhetas de duas observações foram utilizadas para ressaltar questões advindas da mente do observador e as ressonâncias destas no espaço mental do grupo de supervisão como continente. Além disso, as vinhetas ressaltam processos de cisão que podem ser experienciados ao longo do processo de observação da relação pais-bebê.

### *Thor, Yole e Lilian: salvando o bebê queimado*

Thor está com 7 meses. Lilian, a observadora, relata uma observação com sua mãe, Yole: “Yole se senta com Thor em seu colo perto do vaso. Eu mudo de lugar para ver a cena de frente. Inicia-se então um longo período de aflição, em que Thor fica enfiando seu rosto no meio da planta, as folhas ficam em seu rosto, seu nariz e boca, e ele parece não se importar, não demonstra nenhum desconforto com a situação e nem sua mãe que, ao contrário, até o ajuda a colocar seu rosto mais para dentro dos galhos para que ele possa ‘aproveitar mais a natureza’ – de repente me surpreendo

pensando: será que isto é normal? Yole está muito contente porque 'seu filho ama a natureza' [como relata a mãe]”.

Aqui, Thor está com 1 ano e 4 meses: “Yole está me servindo uma xícara de chá e de repente se lembra de um pesadelo que teve: ‘Preciso te contar o pesadelo que tive. Eu o segurei no colo, e ele estava todo queimado... machucado... com muitas manchas vermelhas pelas suas perninhas... eu o pego no colo, estou muito preocupada e Ted também (pai). Mas as outras pessoas não estão nem aí, ninguém liga para o que está acontecendo. E isso me deixa muito angustiada.’ Quando estava indo para a supervisão, não conseguia me lembrar desse sonho. Só consegui lembrar quando comecei a relatar a experiência para o grupo”.

Aqui, Lilian está com Yole e Thor, que está 1 ano e 8 meses: “Yole me diz que está muito preocupada, passando por alguns problemas pessoais. Ela decide ir à feira e assim vamos todos. Thor parece bastante animado para sair de casa. Descemos o elevador e ela o coloca no carrinho; assim que ele se senta parece outra criança. Yole fica falando comigo, quase sem parar, sobre seus problemas e eu permaneço observando Thor. Ele não fala ou interage com ninguém. As pessoas tentam falar com ele, mas ele parece ausente, não responde nada para ninguém. Eu tento por algumas vezes fazer contato com o bebê, mas ele não me olha. Durante os trinta minutos que passamos na feira, a mãe fica falando comigo e o menino permanece silencioso. Pergunto a ela se é sempre assim quando eles saem e ela diz que não. Eu nem tenho muita certeza se ela está realmente me ouvindo, mas de alguma forma ela me diz que isto também a preocupa”.

O bebê, Thor, a mãe, Yole, e a observadora, Lilian, trazem ao grupo de supervisão a experiência de aspectos preocupantes que aparecem na relação pais-bebê junto com outros momentos em que as coisas parecem comuns. As ansiedades, ambivalências,

tendência à negação ou bloqueio de percepções dolorosas da observadora e, ao mesmo tempo, seu contato com áreas saudáveis do desenvolvimento do bebê e da relação dele com os pais parecem refletir e oferecer um alojamento para emoções intensas e confusas experienciadas pelos próprios pais (e talvez até pelo próprio bebê!). As atitudes da observadora, contidas e sustentadas pelo grupo de supervisão, serviram de auxílio para que os pais pudessem entrar em contato com percepções conflituosas sobre seu filho, tão bem ilustradas pelo sonho de Yole e curiosamente registradas, esquecidas e lembradas novamente por Lilian com o suporte do contexto de supervisão. O bebê machucado/queimado pode ser visto como parte de Thor – a necessidade de ajuda evocada pelo “sociável amante da natureza” também pode ser ouvida. Agonias e indiferenças, preocupações legítimas e autoabsorção, partes de nós mesmos que podem se cuidar e partes que precisam evitar contato com elementos dolorosos: tudo isso vai, aos poucos, sendo contido pela mente do grupo, da observadora, dos pais e pela mente do bebê em desenvolvimento. A partir do contato com a observadora, os pais se sentiram mobilizados a aprofundar o cuidado com os aspectos de Thor que se beneficiariam de um acompanhamento profissional

### *Joaquim, Cássia e Nathalia: o nascimento de uma jovem mãe*

Joaquim tinha 12 dias quando Cássia, sua mãe adolescente, conta à observadora Nathalia o seguinte sonho: “Sonhei que tinha outro filho. Joaquim já era grande. Eu tinha me esquecido deste outro filho e, quando lembrei, ele estava todo sujo e com fome. Aí, tinha que pensar no que deveria fazer: primeiro trocar a fralda e depois amamentá-lo... O estranho é que, quando cheguei perto

para pegá-lo, ele começou a pular e eu não consegui segurá-lo em meus braços, foi tão esquisito...”

Em outra observação, quando Joaquim estava com 9 meses e meio, Cássia pediu que a observadora fosse com ela e o bebê até o banco. Antes de sair, a mãe disse que queria trocar a fralda do bebê. Joaquim estava deitado no berço quando a mãe jogou uma calça para ele e disse: “Vamos meu filho, se vista logo!”. No caminho para o banco, ela perguntou à observadora algumas informações sobre como usar o caixa eletrônico: “Será que dá para ver quanto tem na conta antes de fazer um depósito?”. O banco não era tão perto, e Cássia comentou que, no dia anterior, ela havia dirigido na estrada pela primeira vez. Ela preferia ter ido ao banco de carro hoje, mas sua mãe não havia lhe dado a chave do carro. Ela, então, disse à observadora: “Não sei o que faria sem você aqui, é tão difícil fazer tudo isso sozinha com o Joaquim!”. Cássia comentou que a calçada em que estavam caminhando não era larga o suficiente para passar com o carrinho de bebê e disse: “Acho que esta cidade não foi feita para carrinhos de bebê”. Quando estavam no banco, a mãe percebeu que não ia conseguir passar pela porta de segurança com o carrinho, então pediu para a observadora esperar do lado de fora com o bebê enquanto ela pagava as contas. Cássia perguntou à observadora onde o carrinho ficaria melhor: dentro ou fora do banco? Nas estreitas calçadas da cidade? Isso traz à tona duas questões que estiveram sempre presentes, desde a primeira observação: em quais momentos o bebê pode estar presente na vida da mãe? Que alternativas ela pode procurar para sua relação com o filho?

O bebê, Joaquim, a mãe, Cássia, e a observadora, Nathalia – curiosamente, a mais jovem de nosso grupo –, trazem à supervisão a experiência de uma mãe adolescente e seu bebê num contexto transgeracional (a própria mãe de Cássia também foi uma mãe solteira vivendo com os pais). A mãe requisita que a

observadora assuma as mais estranhas posições, que sinta na própria pele a intensidade da demanda que ela, sendo uma jovem mãe, está tendo que encarar. Cássia está tentando integrar dois mundos: o interno e o externo. É uma adolescente, parte de um grupo no qual os amigos gostam de sair, beber, usar drogas; ao mesmo tempo, é uma estudante que está pensando em trabalhar, tentando ser uma filha dedicada e uma mãe afetiva para seu bebê cheio de vida. O desenvolvimento de sua função materna ocorreu em meio a uma grande ambivalência, como fica claro no sonho reportado à observadora e discutido no contexto da observação. Além disso, sua questão crucial e metafórica endereçada à observadora e o jeito como se relaciona com seu bebê também sugerem ambivalência. O grupo de supervisão tem se surpreendido constantemente pela forma como Nathalia vem sendo requisitada por Cássia, ou seja, como uma possibilidade de integração dessas diferentes demandas. No material que Nathalia traz ao grupo, vemos como os projetos e experiências de Cássia começaram a considerar a possibilidade de ser, ao mesmo tempo, jovem e comprometida, atenta às suas próprias necessidades, mas também às do bebê. A partir da regularidade nas visitas e olhares continentais, suportados e protegidos pelas reflexões nas supervisões contra os constantes pedidos de atuação, Cássia parece estar em contato com a possibilidade de diminuir as cisões e fortalecer sua função materna em desenvolvimento.

### *Considerações finais: círculos de continência*

Como as reverberações de círculos de uma pedra que cai na água, a continência do espaço mental pelo grupo de supervisão permite ao observador o desenvolvimento de um espaço mental próprio a ser compartilhado por meio de sua presença, quando



está com a família, o que, por sua vez, facilita o contato com aspectos dolorosos na mente dos pais. Como muito bem descrito por Bion e Bick, o contato com o espaço mental de continência dos cuidadores é condição essencial para o desenvolvimento da mente do bebê.

O contexto da relação observada parece se beneficiar dessa possibilidade de integração, elaboração e “pensabilidade” experienciada com o grupo, comunicada pelo olhar do observador, por sua postura e por sua atitude mental quando em contato com a família, trazendo luz a áreas de difícil acesso do contato relacional pais-bebê. A função modeladora e mediadora da mente do observador e a ampliação de suas ressonâncias no grupo facilitam o acesso a elementos de nosso mundo interno, que nem sempre estão disponíveis para o contato consciente no mundo externo.

Os dois casos mencionados neste trabalho não são os mais típicos em nosso grupo, mas ilustram de forma intensa como o observador e membros do grupo de supervisão alojam os movimentos de nossas mentes em contato com pais e bebês, um canal sensível para aprender sobre mundos internos e relações humanas. Cada experiência nova com um grupo aumenta nosso acesso à profundidade dos pensamentos e ensinamentos de Esther Bick, que vêm sendo fortemente responsáveis por toda a energia envolvida em nossas atividades de observação e pelo amplo alcance das atividades aqui mencionadas.



*Por meio do relato das experiências* vivenciadas em diversos cenários profissionais, este livro aponta a importância da construção da subjetividade e das múltiplas interações da criança com as pessoas do seu convívio para o entendimento de temas como a neuroplasticidade, o momento do diagnóstico e a intervenção oportuna. É leitura essencial para todos os que se interessam pela integralidade dos cuidados direcionados à criança.

*Dra. Rosa Resegue*

*Pediatra da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)*

Com muitos casos em leitura fluente, viva, de memórias e despertares, dando voz à emoção de cada profissional e seus olhares, cenários e pensamentos, este livro provoca no pediatra um reconhecimento de sua responsabilidade quanto às questões psíquicas da criança como sujeito.

*Dra. Anete Colucci*

*Pediatra da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)*

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-1400-7



9 788521 214007

[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

**VEJA NA LOJA**

## **Infância, Vínculos e Diversidade Profissional** *Espaços para interlocução*

**Maria Cecília Pereira da Silva , Mariângela Mendes de Almeida**

ISBN: 9788521214007

Páginas: 550

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2019

Peso: 0.680 kg